

PANDEMIA DA COVID-19 E DEMANDAS DE ATUAÇÃO DOCENTE

Felipe Rodrigues Magalhães de Aguiar

Farmacêutico. Doutorando em Ciências Farmacêuticas - UFC.

Docente do Centro Universitário Fametro.

Editor científico da Revista Diálogos Acadêmicos.

Em um ano extremamente atípico e cheio de incertezas em decorrência da pandemia de doença do coronavírus (COVID-19), a sociedade teve que aprender a se reinventar em uma velocidade jamais vista, nos campos da economia, saúde, comunicações, etc., trazendo novos desafios e modelos para todos.

Com a prática docente os desafios não foram diferentes. Como em uma mistura das teorias de Joseph Alois Schumpeter (1883-1950), onde as ondas de inovação se davam em espaços de tempo cada vez mais curtos, e Paulo Freire (1921-1997), em que o diálogo entre professores e alunos devem objetivar a formação de um aprendiz ativo, a pandemia de COVID-19 está causando uma transformação radical na maneira como os educadores veem o processo de ensino-aprendizagem e, tudo isso, em um espaço curtíssimo de tempo.

Caracterizada pela Organização Mundial de Saúde como pandemia desde 11 de março de 2020, a COVID-19 ocupou lugar de destaque na educação brasileira no meio do semestre letivo em grande parte das instituições de ensino do país, desde a educação infantil até o ensino superior, fazendo como que muitos professores e estudantes tivessem que migrar para uma metodologia à distância sem jamais ter tido acesso à esse tipo de prática e nem às ferramentas necessárias para implementá-la de maneira satisfatória.

O fechamento das escolas e universidades forçou a uma mudança da educação da sala de aula para as casas das pessoas, já que esses ambientes são vistos de forma temerária pelo risco de transmissão e pelas formas de interações que são observadas: jovens (muitas vezes fora dos grupos de risco) e adultos dos mais diversos grupos (professores, funcionários, familiares, dentre outros), transformando essas pessoas em vetores potenciais de transmissão do vírus Sars-Cov-2.

Toda essa mudança trouxe à discussão vários aspectos relacionados à nossa forma de fazer educação, incluindo a referência que se tem há décadas de um ensino voltado ao conteúdo e não às competências, como o conhecimento, as habilidades e atitudes que devem ser desenvolvidas pelos estudantes. Não se consegue modificar a forma de ensinar de um dia para o outro e

a pandemia de COVID-19 está nos mostrando a cada dia e a cada novo desafio.

Um dos desafios está na utilização de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), que demonstrou, com a mais absoluta certeza, que há a necessidade de reinvenção dos protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, tornando as habilidades, que antes não eram obrigatórias, em fundamentais para a nova realidade que se apresenta. Porém, como falado anteriormente, as mudanças não ocorrem tão rapidamente quanto o momento necessita.

Uma consideração fundamental que deve servir de questionamento está relacionada à disponibilidade e ao acesso a essas tecnologias tanto por professores quanto por alunos. A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação 2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) esse ano, mostra que 1 em cada 4 brasileiros não possuem acesso à internet. Esse fator é um empecilho que desfavorece uma aprendizagem interativa e colaborativa, essencial em um momento em que a discussão sobre a carga horária das aulas permeia todo o ambiente educacional.

Essa discrepância de condições torna-se ainda mais evidente quando se compara o ensino público e o ensino privado, principalmente na educação básica, e o distanciamento econômico-social entre as famílias dos estudantes, pois, enquanto muitos estabelecimentos de ensino privados possuem condições de fornecer aos seus alunos um aprendizado com estratégias e recursos diversificados, como aulas ao vivo, transmissões gravadas e metodologias ativas digitais, alunos do ensino público enquadram-se na triste realidade brasileira demonstrada na pesquisa do IBGE.

Além disso, com o ambiente de ensino sendo um propenso local de contaminação devido à alta mobilidade de pessoas, têm-se a certeza de que será um dos últimos espaços a serem reabertos por completo, o que traz também a preocupação em relação à importância da in-

teração entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem e ao planejamento de estratégias para o acolhimento dos estudantes no retorno às atividades presenciais, já que o ainda relativo desconhecimento sobre a doença impede que esse seja feito a médio e longo prazo.

Porém, a imensa capacidade de reinvenção humana perante a momentos de dificuldade também pode trazer resultados positivos ao fim de todo esse processo. O método investigativo, com a busca ativa de informações que auxiliem na resolução de problemas, está sendo cada vez mais evidenciado, inclusive para os estudantes, que, muitas vezes, não via na pesquisa ativa uma forma dinâmica de aprendizagem. Dessa maneira, é perceptível um aumento na interação entre família e escola ou academia, criando uma maneira comunitária de engajamento na busca pela qualidade de aprendizado e mostrando ser possível um processo educacional onde o aluno possui mais autonomia e um papel de destaque na sua própria formação.

E, assim como o mundo, os professores também já não serão mais os mesmos na vida pós-pandemia. É certo que, ao retornar ao ambiente de sala de aula, todos estarão bem mais preocupados com o que é ser professor. Novas metodologias de ensino e aprendizagem serão mais presentes, tendo o engajamento e a criatividade como estratégias para transformar a prática pedagógica, deixando as aulas mais dinâmicas e aguçando o interesse dos alunos, o que, certamente, favorecerá a aprendizagem.

A todos nós, docentes, cabe mais um desafio, que foge um pouco dos desafios técnicos e tecnológicos que nos foram apresentados tão repentinamente: o de manter uma formação com valores éticos e humanistas, pensando sempre na construção de uma sociedade mais justa, igualitária, equânime e democrática para todos. Nesse momento em que atravessamos a turbulência de uma catástrofe sanitária mundial, se assomássemos há mais tempo a tão almejada inclusão social, nossos desafios educacionais teriam sido consideravelmente menores.